

REVISTA DA FACULDADE  
DE LETRAS DO PORTO

# LINGUAS E LITERATURAS



II Série • Vol. IV • 1987

## DR LUIZ CARDIM Dos liceus para

### a antiga Faculdade de Letras do Porto

#### 1. Antes da Faculdade de Letras

O preâmbulo do decreto n.º 5770, de 10 de Maio de 1919, justificava a criação de uma Faculdade de Letras na Universidade do Porto através dos considerandos seguintes:

«Atendendo à conveniência do ensino e especialmente considerando que das Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa é que saem os diplomados que se destinam ao professorado liceal, completando a sua habilitação nas escolas superiores de educação;

«Convindo que quem se destina ao ensino secundário — que neste é que se forma o carácter dos alunos e porque não pode ser bom educador quem não tenha conhecimento prático da vida — siga os seus estudos num meio social em que as mais variadas manifestações de actividade se exerçam;

«Considerando que a cidade de Coimbra é um meio essencialmente universitário, vivendo o professorado e corpo docente como que insulados no seu trabalho especulativo, literário e científico;

«Considerando que, sendo as condições sociais da cidade do Porto de mais larga actividade que as de Coimbra, convém que na Universidade do Porto haja uma Faculdade de Letras»<sup>1</sup>.

É sabido que o factor mais determinante na abertura da nova faculdade foi a influência política de Leonardo Coimbra, uma influência de tal modo poderosa que conduziu a, nada mais nada menos, do que o encerramento da Faculdade de Letras de Coimbra. Não admira, por isso, que tais circunstâncias tenham contribuído para «um ambiente que, se não de hostilidade, de permanente desconfiança»<sup>2</sup>, conforme afirma o Prof. Hernâni Cidade. A mesma ideia é reforçada por Álvaro Ribeiro nos seguintes termos:

---

<sup>1</sup> *Diário do Governo*, n.º 98, I Série, 10 de Maio de 1919 (Suplemento).

<sup>2</sup> CIDADE, Hernâni — *Luiz Cardim, no convívio, na aula e na obra de investigador e poeta*, in «O Tripeiro», n.º 8, Dezembro de 1959, p. 240.

*M. GOMES DA TORRE*

«O respeito pela verdade manda dizer que esta escola superior funcionou afastada da simpatia dos portuenses e dos representantes das entidades oficiais, pois basta recordar que até os professores e estudantes das faculdades mais antigas olhavam com desdém para a nova escola de humanidades»<sup>3</sup>.

Fosse como fosse, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi criada e, para pô-la a funcionar, Leonardo Coimbra voltou o seu olhar para os colegas professores do liceu, procurando aí os seus colaboradores. Este processo, embora não tivesse passado sem críticas<sup>4</sup>, haveria de revelar-se uma solução muito acertada dado o grande prestígio que a nova faculdade conquistou nos poucos anos da sua primeira existência. Tal prestígio assentou, naturalmente, na capacidade individual dos seus docentes, mas também no forte sentido de unidade e amizade que se estabeleceu entre eles como forma de combater a «glacial desconfiança» que imperava em seu redor<sup>6</sup>.

Se, como é salientado nos considerandos do decreto citados, a formação científica dos futuros professores do ensino secundário competia às Faculdades de Letras, haveria evidentes vantagens em trazer para o seu corpo de professores pessoas conhecedoras da realidade quotidiana dos liceus, desde que, cumulativamente, tivessem dado provas de alta competência científica e pedagógica. Consultada a lista das personalidades convidadas, com a vantagem de o fazermos à distância temporal de mais de meio século, temos de reconhecer que Leonardo Coimbra se rodeou de um elenco de luxo<sup>6</sup>.

Em Setembro desse ano de 1919, o *Diário do Governo* fixava os cursos que iriam ser ministrados. A par das filologias clássica e românica, das ciências históricas, geográficas e filosóficas, figurava a secção de Filologia Germânica<sup>7</sup>. As disciplinas constantes dos curricula, bem como a sua distribuição pelos diferentes anos do curso, coincidiam, no que dizia respeito à Filologia Germânica, com aqueles que até então se tinham praticado nas Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra.

---

<sup>3</sup> RIBEIRO, Álvaro — *O Porto e os estudos humanísticos*, in «O Tripeiro», de Novembro de 1945, p. 153.

<sup>4</sup> Um dos críticos foi Câmara Reis, o director da «Seara Nova», ao pronunciar-se nos termos seguintes: «Prendem-nos estreitos laços de solidariedade intelectual a muitas das pessoas envolvidas nas nomeações para a Faculdade de Letras do Porto. Por isso mesmo mais nos impõe a consciência afirmar a nossa estranheza pela maneira como se fizeram essas nomeações. Não temos uma confiança ilimitada nos concursos, mas desejaríamos que lugares da categoria daqueles a que nos referimos só se entregassem, independentes de provas públicas, a individualidades da mais indiscutida competência, documentando-se valiosamente as garantias que ofereçam. E o facto de intervirem, em três nomeações, alguns dos nomes mais ilustres do professorado português, não atenua — pelo contrário — essa impressão de estranheza e desgostoso... Um dos aspectos mais graves desta questão é ser nomeado efectivo um professor cuja classificação é inferior à de dois outros professores, que continuam simples assistentes na Faculdade de Letras de Lisboa!» (In «Seara Nova», de 15 de Outubro de 1921, p. 20).

<sup>5</sup> Cf. CIDADE, *ob. cit.* e RIBEIRO, *ob. cit.*

<sup>6</sup> Entre os professores da antiga Faculdade figuravam os nomes de Hernâni Cidade, Teixeira Rego, Angelo Ribeiro, Luiz Cardim, Damião Peres, Homem Cristo, Leonardo Coimbra, Newton de Macedo, Mendes Correia, Aarão de Lacerda, Magalhães Bastos, etc.

<sup>7</sup> Cf. *Diário do Governo* n.º 181, I Série, de 19 de Setembro de 1919.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

Era a seguinte a distribuição das cadeiras:

1.º ano:

Língua e Literatura Inglesa; Curso Prático de Língua Inglesa; Filologia Portuguesa; História de Portugal; Psicologia Geral. (Todas com dois semestres).

2.º ano:

Língua e Literatura Inglesa; Curso Prático de Língua Inglesa; Língua e Literatura Alemã; Curso Prático de Língua Alemã; História Medieval; História de Portugal; Geografia de Portugal e Colónias. (Todas com dois semestres).

3.º ano:

Língua e Literatura Inglesa; Curso Prático de Língua Inglesa; Língua e Literatura Alemã; Curso Prático de Língua Alemã; História da Literatura Portuguesa; História Moderna e Contemporânea; História da Filosofia Moderna e Contemporânea (esta com um semestre).

4.º ano:

Língua e Literatura Alemã; Curso Prático de Língua Alemã; Gramática Comparada das Línguas Germânicas; História da Literatura Portuguesa; História Geral da Civilização; Estética e História da Arte. (Todas com dois semestres)<sup>8</sup>.

Ressalta do panorama geral do curso a importância dada às disciplinas de cultura geral, nomeadamente as de história, filosofia, geografia e estética e história da arte, bem como o reforço dos cursos práticos de língua através das disciplinas de Língua e Literatura....

No ano lectivo de 1919-20 entrariam em funcionamento apenas as cadeiras do 1.º ano, alargando-se o ensino aos anos seguintes à medida que os estudantes fossem transitando.

Nascia deste modo a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na altura reinava, a nível internacional, uma grande insatisfação quanto aos resultados práticos obtidos com o emprego dos métodos de então no ensino das línguas vivas estrangeiras. Talvez se justifique, por isso, uma breve digressão através daquilo que se tinha feito e ia fazendo, para além das fronteiras portuguesas, na procura de soluções para o crónico fracasso do ensino de idiomas estrangeiros nas escolas da época.

Os últimos vinte anos do séc. XIX e as duas primeiras décadas do presente século testemunharam uma longa série de movimentos e de iniciativas individuais que tiveram como resultado apontar à didáctica das línguas estrangeiras novos rumos, geralmente muito diversos daqueles que tinham caracterizado as épocas anteriores. Em 1878, por exemplo, M. Berlitz tinha fundado em

---

<sup>8</sup> Cf. Decreto n.º 4945, de 1 de Novembro de 1918.

Rhode Island, nos Estados Unidos da América, a primeira de uma cadeia internacional de escolas de línguas, com um número de 310 filiais, em 1912, espalhadas por praticamente todo o mundo civilizado<sup>9</sup>.

O método Berlitz propunha a reconstituição na escola do processo natural verificado na aquisição da língua materna pelas crianças, reclamando o seu autor que o curso por si proposto representava aquilo que «a estadia num país estrangeiro representa para o viajante»<sup>10</sup>, com a vantagem adicional de a matéria se apresentar de forma graduada de modo a permitir uma aquisição metódica e sistemática. Tendo sofrido sucessivas adaptações até à segunda década do nosso século, o método Berlitz sobreviveu com larga popularidade durante cerca de quarenta anos e conheceu bastante aceitação em Portugal. De uma maneira geral, porém, os resultados colhidos com a sua utilização parece não terem sido tão positivos como o optimismo de Maximilian Berlitz levava a crer. Tal deveu-se, em especial, ao facto de os professores que utilizavam os cursos não estarem bem à altura da sua exigência, particularmente no que respeitava ao domínio fluente e correcto da língua que pretendiam ensinar, de modo a poderem tirar do livro todas as potencialidades que ele oferecia.

Entretanto tinham-se desenvolvido estudos em psicologia moderna e não tardou a aplicação da nova ciência ao ensino das línguas. Quem primeiro se destacou nesse domínio foi o francês François Gouin, que, em 1880, publicou *UArt d'Enseigner et d'Étudier les Langues*. À proposta de Gouin chamou-se *método psicológico* por se basear no princípio da associação de ideias e na visualização mental<sup>11</sup>. Para prática nas escolas foi elaborado um manual em que a matéria linguística a aprender pelos alunos aparecia ordenada em *séries*<sup>12</sup> de frases destinadas à memorização, sendo esta facilitada pelo fio lógico da associação de ideias e pela sequência de acções representadas pelas frases. Estas, no acto de recitação, eram acompanhadas de gestos e toda a espécie de mímica. Como se depreende destes princípios, as aulas dadas por este método não continham nada de criativo pois tudo quanto se requeria dos alunos era que decorassem as séries para posterior recitação. Por isso o método falhou. Apesar disso legou à didáctica das línguas estrangeiras dois contributos importantes: a prioridade das formas orais sobre as formas escritas e a metódica ordenação das matérias.

Ao mesmo tempo ia-se afirmando uma outra ciência nova, em consequência de estudos que se vinham desenvolvendo desde finais da primeira metade do séc. XIX. Alexandres Ellis, Brücke, Alexander Bell, Henry Sweet, Sievers, Helmholtz e muitos outros tinham fornecido ao estudo das línguas o importante contributo da fonética. E um alemão, professor da sua língua no

---

<sup>9</sup> CHAGAS, Valnir — *Didática Especial de Línguas Modernas*, S. Paulo: Companhia Nacional Editora, 1954, p. 38.

<sup>10</sup> BERLITZ, M. D. — *The Berlitz Method — Illustrated Edition for Children*, Paris, 1921 (1.ª edição, 1914), pp. 4-5.

<sup>11</sup> Cf. CLOSSET, François — *Didactique des Langues Vivantes*, Paris et Bruxelles, Didier, 1953, p. 16.

<sup>12</sup> Devido a esse facto o método ficou também conhecido pela designação de *método das séries*.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

University College of Liverpool, escreveu, movido pela nova ciência dos sons, um panfleto de 32 páginas que levantaria uma viva polémica entre os pedagogos das línguas estrangeiras. Surgida em 1882, esta publicação de Wilhelm Viêtôr<sup>13</sup> foi o primeiro título e a razão próxima de uma extensa bibliografia internacional que viria a ter como resultado final a colocação da didáctica das línguas vivas estrangeiras na sua posição moderna. A nova corrente seguiu de perto as propostas do futuro catedrático da Universidade de Marburg e foi designada sucessivamente por *método fonético*, *método da reforma* e, finalmente e mais tarde, *método directo*. Esta última designação haveria de manter-se durante muitos anos para significar todos os processos de ensino das línguas estrangeiras que punham de parte a língua materna dos alunos como meio de ensino. Na sua versão mais pura, o método directo fazia uso exclusivo da língua a ensinar logo desde a primeira aula, começando pela parte oral apoiada em transcrição fonética; o significado das palavras era transmitido aos aprendentes com o auxílio de gravuras, de gestos ou de definições na própria língua estrangeira; o material de leitura era escrito em estilo moderno e tinha como conteúdo aspectos da vida e da cultura do país a que a língua em estudo correspondia<sup>14</sup>. Foi também nesta altura que a matéria começou a ser distribuída por níveis, de modo a que a um aluno só era permitido passar ao nível imediatamente superior do curso quando tivesse merecido aprovação naquele em que se encontrava.

Este método implicava, da parte dos professores, um bom domínio oral das línguas que se propunham ensinar e requeria deles uma actividade constante a fim de actuarem como motores e exemplo de todas as acções desenvolvidas em classe. Para corresponder a essa exigência e proporcionar maior prática das línguas estrangeiras, os professores começaram a ser enviados para cursos de férias fora do país. A nível interno dos países começaram os cursos de pedagogia e didáctica com o fim de transmitir aos docentes as técnicas de ensino adequadas.

Com uma ou outra variante, era este o estado de coisas que as vanguardas da didáctica das línguas vivas estrangeiras procuravam fomentar. Era isto que os professores mais atentos e esclarecidos — embora em número relativamente reduzido — procuravam introduzir em Portugal ao tempo em que a Faculdade de Letras do Porto foi criada. Seria de interesse para este estudo averiguar-se se os movimentos acabados de expor tiveram algum eco no tipo de ensino das línguas que iria ser introduzido na Universidade do Porto. Nesse sentido procurei encontrar os livros de sumários das aulas dadas na antiga Faculdade de Letras, mas, até este momento, as minhas tentativas não obtiveram qualquer sucesso. Receio bem que a quase totalidade do espólio burocrático da faculdade da Quinta Amarela se tenha perdido em definitivo<sup>15</sup>. Felizmente que a falta desse precioso

---

<sup>13</sup> VIÊTOR, Wilhelm — *Der Sprachunterricht muss umkehren*, Heilbronn, 1886 (2.ª edição). A 1.ª edição saiu sob o pseudónimo *Quosque Tandem*.

<sup>14</sup> Cf. MACKEY, W. F. — *Language Teaching Analysis*, London, 1969, p. 146.

<sup>15</sup> O incêndio que, em 1974, destruiu parcialmente o edifício onde actualmente funciona a Faculdade de Ciências do Porto, consumiu muito do material que se encontrava depositado no sótão, sendo de crer que o espólio da antiga Faculdade de Letras se tenha perdido irrecuperavelmente.

material poderá ser de algum modo compensada pela consulta da primeira parte da vasta obra escrita de Luiz Cardim, a personalidade a quem Leonardo Coimbra acertadamente entregou a direcção da secção de Filologia Germânica e com quem é legítimo identificar-se o trabalho aí desenvolvido, especialmente depois de saber-se que, nos primeiros anos, foi ele o encarregado do ensino das línguas.

Luiz Alfredo Pires Cardim exercia as funções de professor de inglês e alemão no Liceu de Gil Vicente, em Lisboa, quando foi chamado por Leonardo, também ele professor do liceu até então. Na 1.<sup>a</sup> reunião do Conselho Escolar da nova Faculdade a contratação de Cardim foi aprovada<sup>16</sup>.

Que credenciais possuía este homem para, de um liceu da capital, ser chamado a exercer a docência universitária? Hernâni Cidade ajuda-nos a obter resposta a esta questão:

«...Eu já sabia, perante esse homem silencioso, modesto, apagado, que ele era excelente professor liceal, por tal forma excelente, que, nos tempos em que João Franco se lembrou de mandar lá fora os mais distintos entre os professores do ensino secundário, foi Luís Cardim um dos escolhidos. Nessa situação frequentou em Londres cadeiras de Metodologia, de Fonética Experimental, de Psicologia, e com isso organizou um pecúlio intelectual que não cabia, como se compreende, nas aulas que dava nos liceus, e por isso comunicava ao auditório que o ia ouvir à Academia dos Estudos Livres, onde era uma das vozes mais autorizadas e mais ouvidas»<sup>17</sup>.

Isto aconteceu entre 1907 e 1908. Durante a sua estadia, não só na Inglaterra mas também na Alemanha, onde «estudou fonética experimental e metodologia, com Panzeíí-Caízia, Viêtor e Max Walter»<sup>18</sup>, entrou em contacto com os movimentos didácticos que acima esbocei. O resultado desses contactos com os centros e os nomes estrangeiros que mais atenção vinham prestando à metodologia das línguas foi Cardim procurar transmitir, através de conferências, os conhecimentos entretanto adquiridos. E, mais importante do que isso, a sua adesão aos princípios do método directo, em cuja composição entravam como componentes importantes a psicologia e a fonética, as duas ciências que Cardim tinha estudado lá fora.

Ainda como professor do ensino secundário, no início da sua carreira docente<sup>19</sup>, deu à estampa as suas primeiras publicações sobre o ensino das línguas. Em 1911 publicou *Iniciação ao Estudo do Inglês*<sup>20</sup>, destinado a alunos do ensino secundário. Trata-se de uma espécie de gramática, com cerca de

---

<sup>16</sup> Cf. PINA, Luís de — *Faculdade de Letras do Porto (Breve História)*, in «Cale — Revista da Faculdade de Letras do Porto», vol. I, 1966, p. 81.

<sup>17</sup> CIDADE, *ob. cit.*, p. 240.

<sup>18</sup> *O Primeiro de Janeiro* de 7 de Agosto de 1958, p. 5.

<sup>19</sup> Cardim tinha então 25 anos de idade. Tinha nascido em Cascais no dia 9 de Julho de 1879. Cf. *O Primeiro de Janeiro*, data e página cit.

<sup>20</sup> Lisboa: Typ. da Livraria Ferin.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

70 páginas, que o Autor justifica com a intenção de «chamar a atenção dos estudantes para certos fundamentos do methodo e para as dificuldades que elles tendem a vencer, de que o alumno em absoluto não tem idea alguma»<sup>21</sup>. A obra introduz os aspectos mais gerais da fonética, da morfologia e da sintaxe da língua inglesa num tom predominantemente descritivo, claramente prescritivo em alguns pontos.

Cardim faz a apologia do *método* (sem qualquer adjectivação), como se tratasse de algo adquirido e do domínio geral) «cujos efeitos practicos,... nos têm parecido extremamente benéficos. Isto entende-se, é claro, sobretudo, caso o professor o queira experimentar, e portanto, explicar devidamente: não há livro escolar que o dispense»<sup>22</sup>. Ao falar-nos *do* método e não *de um* método, parece mais do que legítimo concluir-se — dada a altura em que tal acontecia — que o Autor se referia ao método directo, isto é, àquele método que ao tempo gozava de popularidade nos meios evoluídos da didáctica das línguas estrangeiras<sup>23</sup> e que se tinha desenvolvido, de forma mais notória, a partir das propostas de Viêtor, mestre de Cardim na Alemanha e cuja «*Englische Schulgrammatik*» o futuro professor da Faculdade de Letras considerava «verdadeiramente final»<sup>24</sup>.

Acresce em abono da tese de que era ao método directo que Cardim se referia, a alusão que faz a ter realizado um «breve estudo de phonetica comparada das duas línguas»<sup>25</sup>, português e inglês, com o professor Daniel Jones, do University College de Londres. Viêtor e fonética são duas referências indissociáveis do método directo.

Mais adiante, depois de tecer algumas considerações sobre o insucesso dos alunos ensinados por métodos anteriores com base na tradução, acrescenta Cardim:

«O methodo que hoje se emprega geralmente tem por fim ensinar o estudante a falar a língua estranha, evitando esse grande escolho a tradução: o mestre fala-a como se fosse um estrangeiro, e o aluno faz a diligência por comprehende-lo, e responder-lhe segundo elle ensina, mesmo que entenda só, a princípio, o sentido geral de cada frase».

E acrescenta logo a seguir:

«Por este methodo pratica-se a linguagem falada, como vimos ser indispensável, e ensina-se além disso toda a língua por um processo mais agradável que o antigo, de muita grammatica, traducção e thema»<sup>26</sup>.

---

<sup>21</sup> *Iniciação ao Estudo do Inglez*, p. 7.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

<sup>23</sup> A França e a Alemanha tinham adoptado o método directo como método oficial para o ensino das línguas nos seus sistemas educativos em 1902. Nos congressos de professores de línguas de Estocolmo (1886), de Viena (1898) e de Leipzig (1900) a nova designação tinha sido consagrada.

<sup>24</sup> *Iniciação ao Estudo do Inglez*, p. 9.

<sup>25</sup> *Ob. cit.*, p. 8.

<sup>26</sup> *Ob. cit.*, p. 15.

O que é isto senão o método directo com todas as suas virtudes e defeitos?

Quanto à obra em si, isto é, quanto à sua qualidade como livro de gramática, lida a setenta e tal anos de distância, ela é a prova clara do conhecimento profundo que o Autor tinha da língua inglesa. Ainda hoje se lêem com muito agrado e proveito algumas das suas páginas em que o espírito miudinho de Cardim conduziu a curiosas observações que enriquecem os conhecimentos de qualquer leitor.

Mas não se limita à *Iniciação do Estudo do Inglês* a obra que Cardim produziu anteriormente à sua vinda para o Porto. Em 1915 publicou na *Revista de Educação Geral e Técnica*<sup>27</sup> um artigo *Sobre o ensino do inglês nos liceus*, cujo texto tinha sido lido perante o Conselho Escolar do Liceu de Sá da Bandeira (Santarém) e em que, ao contrário do que tinha acontecido em 1911, já chama pelo seu nome o método que aconselhava e praticava.

«Temos empregado o método directo, com resultados que se nos afiguram regulares, nas primeiras classes; não em todo o seu rigor, excluindo por completo a língua materna, mas sob forma atenuada, servindo-nos daquela sempre que de aí provém economia de tempo; nas classes mais adiantadas não o temos podido ensaiar, porque não nos foi dado ainda seguir até elas com os nossos alunos, nem os temos aí encontrado já iniciados no método»<sup>28</sup>.

Estas palavras permitem-nos algumas conclusões com interesse. Em primeiro lugar confirmam que era ao método directo que Cardim se referia em 1911; em segundo lugar deixam-nos entrever que a prática de tal método não estava muito generalizada em Portugal já que só os alunos acompanhados por ele desde o início estariam em condições de seguir, nos níveis mais adiantados, os processos que o método directo implicava; em terceiro lugar é ainda legítimo concluir-se que Cardim era um professor cheio de bom senso. De facto, apesar de acreditar nas virtualidades do método, ele entendia que aplicá-lo «em todo o seu rigor», particularmente no que dizia respeito ao total banimento da língua materna dos alunos, poderia ser contra-producente. A sua experiência, porquanto ainda não muito longa<sup>29</sup>, mas certamente conscienciosamente adquirida, tinha-lhe já ensinado que a salutar posição a tomar às teorias inovadoras é «adapt, don't adopt»<sup>30</sup>. Na verdade, por mais clarividentes e eficazes, as propostas novas para a didáctica das línguas vivas estrangeiras surgem sempre em condições especiais, rodeadas de ambientes culturais e cenários linguísticos que nem sempre encontram correspondência universal. Por isso o professor, o autor de programas e o autor de materiais didácticos têm de proceder, inevitavel-

---

<sup>27</sup> Série III, n.º 4, Abril de 1915, pp. 351-357.

<sup>28</sup> *Sobre o ensino do inglês nos liceus*, p. 354.

<sup>29</sup> Luiz Cardim começou a leccionar em 1904. Cf. *O Primeiro de Janeiro*, de 7/8/58, p. 5.

<sup>30</sup> PRATOR, Clifford, citado por CELCE-MURCIA, Dr. Mirianne — *New methods in perspective*, in «Practical English Teaching», vol. 2, n.º 1, p. 12.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

mente, a cuidadosas adaptações de ordem local afim de compensarem-se eventuais lacunas na informação metalinguística dos aprendentes ou contrariarem a força da interferência da língua materna<sup>31</sup>.

Tal bom senso distinguiu Cardim dos praticantes fanáticos do método directo que se limitavam a lançar a língua estrangeira em catadupas orais sobre os seus alunos, sem obediência a qualquer critério de graduação de matérias, acreditando simplesmente na capacidade congénita dos aprendentes para reterem apenas a parte que era de reter de entre aquilo quê ouviam, desprezando o restante. O resultado desta crença na capacidade natural de selecção foi, de uma maneira geral, a desorientação dos alunos e o descrédito, quiçá demasiado injustificado, dos princípios do método directo. Por outro lado, a capacidade revelada pelas crianças na aquisição<sup>32</sup> da sua língua materna nem sempre encontra correspondência quando essas mesmas crianças aprendem línguas estrangeiras. Consequentemente há que encarar com cautelosa reserva as opiniões recentes, vindas, especialmente de linguistas e metodólogos norte-americanos, que apontam para a identidade de processos entre a aquisição da língua materna e a de uma qualquer L2.

Não sendo aqui lugar para desenvolver este assunto, limitar-me-ei a chamar a atenção do leitor para a cricunstância de Luiz Cardim recorrer à língua materna sempre que tal recurso pudesse representar economia do escasso tempo lectivo. Isto significa que ele, a par da actualizada informação sobre aquilo que se ia fazendo no estrangeiro com vista à renovação da didáctica das línguas, avaliava realisticamente até que ponto as teorias dominantes (ou na moda) teriam que ser ponderadas através do prisma da experiência pessoal do professor e das realidades concretas em que teria de exercer a sua função. Sem dúvida que estes dois importantes factores, i.é., informação sólida e experiência cuidadosamente avaliada, iriam beneficiar os estudantes de Filologia Germânica da Faculdade de Letras do Porto.

Luiz Cardim, como professor do Liceu, tinha revelado qualidades de estudo e de inclinação para o ensino que, sem sombra de dúvida, o recomendavam para integrar o corpo docente da nova escola universitária. Por isso, ao decidir-se por tal nome, Leonardo Coimbra escolhia muito bem e o futuro haveria de dar-lhe razão sobre o total acerto dessa escolha.

Aparte um trabalho de tradução, *Psicologia Fisiológica* de J. Mantovani, publicada em Lisboa sob o nome de Luís Alfredo, em 1903 (a primeira das suas publicações de que eu tive conhecimento) e os dois trabalhos já referidos, Cardim, antes de ser convidado para a Faculdade de Letras, tinha ainda publicado um pequenino artigo em inglês, em 1915, sobre a importância do

---

<sup>31</sup> Em estudo por mim elaborado, com base em mais de 3.000 erros cometidos por estudantes finalistas de inglês na Faculdade de Letras do Porto, 43,8 % dos mesmos foram causados por interferência do português. Cf. TORRE, Manuel Gomes da — *Uma Análise de Erros — Contribuição para o Ensino da Língua Inglesa em Portugal*, Faculdade de Letras do Porto, 1985, passim.

<sup>32</sup> Utilizo aqui a palavra *aquisição* no sentido que lhe é dado por KRASHEN, S. D. — *Second Language Acquisition and Second Language Learning*, Oxford, Pergamon Press, 1981, passim.

desporto na formação física e moral dos cidadãos<sup>33</sup>. Nesta nota Cardim considera que se deve à Inglaterra o desenvolvimento dos desportos, baseando nisto o título do artigo<sup>34</sup>. Em 1917 tinha também dado à estampa um pequeno manual de divulgação (o n.º 20 da colecção *Os Livros do Povo*) com o título *Como se Estuda*. A obra está dividida em seis capítulos, cujos títulos têm algum interesse; I — Como se escolhe um livro; II — Como se estuda a valer; III — Como se sabe que aprendemos; IV — Os meios subsidiários: livros de referência, visitas de estudo, consultas...; V — O estudo criador. Resumo e conclusões gerais; VI — Um exemplo prático: como se aprende uma língua moderna.

No último capítulo, Cardim dá como exemplo aquilo em que ao tempo era especialista, dirigindo-se aos trabalhadores que desejassem aprender línguas estrangeiras como auto-didactas. De salientar é a forma como ele fazia depender os processos de estudo dos objectivos a que a língua estudada se destinava. Se era à leitura de livros, se à utilização oral, se à escrita, cada modalidade implicava diferentes atitudes.

Em terminologia actual diríamos que Cardim antecipou em mais de meio século o conceito de estudo de línguas para fins específicos.

Entretanto tinha já dado sinais de que o seu «pecúlio intelectual... não cabia nas aulas que dava nos liceus», para repetir a forma feliz que H. Cidade utilizou na citação acima feita. Desse pecúlio faziam parte a sua paixão por e os seus conhecimentos de literatura inglesa. Para lhes dar expressão, deu, em 1916, um curso de literatura inglesa na Academia de Estudos Livres, «que logo o situou como um dos maiores especialistas em Portugal»<sup>35</sup>.

## 2. Na Faculdade de Letras

Aprovada a sua contratação na reunião do Conselho Escolar de 29 de Outubro de 1919<sup>36</sup>, Luiz Cardim foi encarregado das regências de Língua e Literatura Inglesa e do Curso Prático de Língua Inglesa. Pouco mais de um ano depois passa também a dar o Curso Prático de Língua Alemã. E no terceiro ano de funcionamento da Faculdade será encarregado das cadeiras de Língua e Literatura Inglesa (3.º ano), Curso Prático de Inglês (3.º ano), Língua e Literatura Alemã (3.º ano) e Curso Prático de Língua Alemã (3.º ano)<sup>37</sup>.

O trabalho enorme que a docência de tantas disciplinas implicava não impediu Cardim de continuar a dedicar-se aos seus trabalhos de investigação

---

<sup>33</sup> *One of Portugal's debts to England*, in «Portugal — A Monthly Review of the country, its colonies, commerce, history, literature and art», edited by W. A. Beritley, n.º 3 (July), 1915, pp. 79-80.

<sup>34</sup> A certa altura, Cardim oferece-nos uma curiosa passagem com referência à sua pequena estatura:

«When I went to London a couple of years ago, I remember that I was afraid, as being rather short, that I should meet there with a great number of tall people; and lest I should be pointed at in the streets, or something like that. I was happy to find that there was no such danger». *Ob. cit.*, p. 80.

<sup>35</sup> *O primeiro de Janeiro*, data e página citadas.

<sup>36</sup> Cf. PINA, *ob. dt.*, p. 81.

<sup>37</sup> *Ob. cit.*, pp. 82-91.

com o interesse já anteriormente revelado. Na sessão do Conselho Escolar da Faculdade, em 14 de Julho de 1921, é aprovado um plano seu para se deslocar a Lisboa afim de investigar sobre gramáticas inglesas do séc. XVIII para uso de portugueses<sup>38</sup>. O mesmo Conselho Escolar, em sessão de 29 de Abril de 1922, dá parecer favorável à solicitação de autorização e financiamento apresentada por Luiz Cardim com o fim de se deslocar a Évora e consultar um livro que só aí existe e do qual ele carece para um artigo destinado à revista da Faculdade<sup>39</sup>.

O livro em questão era «A Compleat Account...», uma obra publicada em Londres, em 1701, da autoria semi-anónima de A. J., que é considerada o primeiro dicionário de Inglês-Português<sup>40</sup>. O único exemplar conhecido em Portugal, no tempo de Cardim e presentemente, está na Biblioteca Municipal de Évora, fazendo parte do volume uma interessante gramática de português para ingleses, gramática essa que vai merecer especial atenção do nosso professor<sup>41</sup>. Em resultado desse estudo surgirá, originalmente em inglês, *Some notes on the Portuguese-English and English-Portuguese Grammars to 1830*, publicado em 1923 na «Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto» e, mais tarde, incluído na colectânea<sup>42</sup> que reúne alguns estudos, com título e conteúdo levemente modificados<sup>43</sup>.

Trata-se de um estudo muito curioso em que Cardim nos revela o modo como algumas gramáticas antigas que conseguiu localizar nas maiores bibliotecas nacionais abordam alguns aspectos de pronúncia da língua inglesa. Embora se debruce sobre outros aspectos, é particularmente a fonética que prende a atenção do nosso Autor, uma preferência perfeitamente justificada pelas correntes do seu tempo como também pela formação que com Daniel Jones tinha adquirido em Londres.

A vinda do Dr. Luiz Cardim para a Faculdade de Letras do Porto deve ter estimulado consideravelmente o seu já provado gosto pela investigação. As exigências da docência a nível universitário e, também, a grande variedade de

<sup>38</sup> *Ob. cit.*, p. 88.

<sup>39</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>40</sup> Ver TORRE, Manuel Gomes da — *Gramáticas Inglesas Antigas: Alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal*. Porto, Faculdade de Letras, 1985, pp. 11-13.

O título completo da obra em questão é *A Compleat Account of the Portugueze Language Being a copious Dictionary of English with Portugueze, and Portugueze with English...* London, printed by R. Janeway for the Author, M.DCCI.

<sup>41</sup> Antes disso tinha já sido publicada, em 1662, também em Londres, aquela que até à data é considerada a mais antiga gramática de português para ingleses: MOLLIÈRE, Monsieur De La — *A Portugez Grammar; or, Rules shewing the True and Perfect way to learn the said Language*. London, printed by Da. Maxwel Broun, 1662.

Sobre o assunto ver: RODRIGUES, A. Gonçalves — *A Língua Portuguesa em Inglaterra nos séculos XVII e XVIII*. Coimbra, separata da «Biblos», vol. XXVII, 1951, pp. 14-21; e TORRE, Manuel Gomes da — *O interesse pelo estudo do inglês em Portugal no séc. XVIII*, in «Actas do Colóquio Comemorativo do IV Centenário do Tratado de Windsor», Porto, Instituto de Estudos Ingleses da Faculdade de Letras (no prelo).

<sup>42</sup> *Estudos de Literatura e Linguística*. Porto, Faculdade de Letras, 1929.

<sup>43</sup> O novo título é *Portuguese-English grammarians and eighteenth century spoken English*.

disciplinas que lhe foram confiadas<sup>44</sup> certamente que o conduziram a novas leituras e à descoberta de novos interesses. Assim se explica o elevado número de artigos seus que nos primeiros anos da década de 1920 começaram a ser publicados.

Ainda antes da publicação do artigo sobre as gramáticas, surge na *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* um outro, *Syr Torrent of Portyngale*, um trabalho que revela, a um tempo, a notável erudição do seu Autor e a sua extrema perspicácia para a interpretação de pormenores dos textos que estudava bem como para a utilização desses mesmos pormenores na elaboração de conclusões finais. *Syr Torrent of Portyngale* é um romance de cavalaria, cuja versão escrita mais antiga é um manuscrito do séc. XV. O seu principal herói é Syr Torrent, que é identificado por um estudioso francês<sup>45</sup>, como sendo D. Fernando, filho de D. Sancho I. Desenvolvendo uma argumentação muito cuidadosamente fundamentada, socorrendo-se para isso de um domínio bibliográfico invulgar, Cardim demonstra que Torrent só pode ter sido Filipe de Alsácia, que casou com Matilde, filha de D. Afonso Henriques.

Também na revista da Faculdade publicou, em 1921, uma *Nótula sobre o exemplar de Chaucer da Biblioteca Municipal do Porto*. Aí se confirma o gosto do Autor pelo estudo de problemas difíceis, cuja solução requeira aturado trabalho de investigação. Neste artigo debruça-se sobre um exemplar antigo (incompleto) de *The Canterbury Tales* existente na Biblioteca Municipal e procura determinar a que edição pertence. Conclui, demonstrando as suas razões ao longo do trabalho, que essa edição é a quinta, publicada por Stow em 1561.

Nesse mesmo ano de 1921, numa demonstração de que todo o trabalho de docência e investigação exigido pela sua condição de professor universitário ainda lhe deixava tempo livre para a criação artística, publica sob o nome de Luiz Alfredo, um livro de poemas da sua autoria que intitula *Luz Reflectida (Cantos Sagrados e Profanos)* e que dedica ao «Mestre e ao Amigo»<sup>46</sup> Leonardo Coimbra. O poema de abertura intitula-se *Água Viva* e é acompanhado da nota seguinte: «Depois de ouvir falar Leonardo Coimbra»<sup>47</sup>. O livrinho -- trata-se de um volume de formato muito reduzido — está dividido em cinco secções: *Espirituais* (pp. 1-20), *Versos de Amor* (pp. 21-46), *Esboços* (pp. 47-63), (pp. 65-82) e *Traduções* (pp. 83-108). Numa nota apresentada no fim do volumezinho lê-se: «Muitas das composições que figuram neste livro já foram publicadas, no seu maior número, nas revistas «A Águia», do Porto, e «Isis», de Lisboa»<sup>48</sup>. Em «Horas de Fuga», publicado pouco mais de vinte anos depois, Cardim explica que *Luz Reflectida* foi «fraternalmente editada por meu irmão Guilherme Cardim»<sup>49</sup>. Mas o pendor do professor da antiga Faculdade

---

<sup>44</sup> Nos anos lectivos de 1928-29 e 1929-30, Cardim, depois de ter regido os cursos práticos de inglês e de alemão, bem como os de literatura inglesa e literatura alemã em todos os níveis e anos, é encarregado de leccionar a disciplina de Gramática Comparada das Línguas Germânicas. Cf. PINA, *ob. cit.*, pp. 127 e 129.

<sup>45</sup> MICHEL, Francisque — *Les Portugais en France et les Français au Portugal*.

<sup>46</sup> *Luz Reflectida (Cantos Sagrados e Profanos)*, Tipografia Cardim, Cascais, 1921, p. III.

<sup>47</sup> *ob. cit.*, pp. vn-vm.

<sup>48</sup> *Ob. cit.*, p. 108.

<sup>49</sup> *Horas de Fuga*, Porto, 1952, p. 12.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

de Letras para a criação literária confirma-se com a publicação de um *Auto da Natividade* em 1923<sup>50</sup>. Dois anos mais tarde publica a sua notável tradução da *Tragédia de Júlio César* de Shakespeare acompanhada de um estudo crítico «na intenção de darmos a alunos nossos melhor ideia das belezas dum texto inglês, que a natural exiguidade dos seus conhecimentos não lhe [sic] permitia atingir»<sup>51</sup>. Esta publicação foi a primeira de uma série relativamente longa de estudos dedicados por Cardim a um tema da sua predilecção especial: o drama inglês e, dentro deste e de modo muito particular, Shakespeare.

Na sequência deste trabalho de tradução Cardim publicará mais tarde um artigo<sup>52</sup> muito curioso sobre se César foi morto com uma espada ou com um punhal, uma vez que Shakespeare usa indiscriminadamente as palavras *sword* e *dagger*. É, de facto, um pormenor que pode passar despercebido ao leitor normal, mas não escapa, seguramente, ao tradutor ou ao encenador da peça, este porque tem de preocupar-se com os adereços destinados aos actores e aquele porque para cada uma das duas palavras diferentes tem que encontrar a equivalente portuguesa. Foi isso que aconteceu com Cardim e o forçou à comparação de traduções para outras línguas, ao estudo da história da representação da peça e às próprias línguas clássicas.

O doloroso golpe que representou para si a morte de um filho em 1923 terá contribuído para a série de «desgostos que o alcançaram» e que «lhe deram o aspecto de pessoa envelhecida, que o Porto conhecia»<sup>53</sup>, mas não afastou o Dr. Luiz Cardim da sua linha de trabalho aturado. Como escreveu H. Cidade:

«O que melhor caracteriza a obra que nos legou é a continuidade do esforço, a capacidade de vencer todos os obstáculos que encontrou para a levar a cabo e ainda a própria variedade dos temas tratados. Luiz Cardim escreveu sobre literatura como sobre linguística e até o interessaram os caracteres rúnicos»<sup>54</sup>.

Referia-se H. Cidade a um estudo publicado nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*<sup>55</sup> sob a designação de *Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos*. Nele Cardim exprime as suas opiniões sobre a origem das runas e dá-nos conta das suas leituras sobre um assunto muito complexo e vasto. Esse mesmo tema tinha sido por si tratado numa conferência feita em 20 de Dezembro de 1927 na sede da sociedade que lhe publicaria o artigo. Ao lê-lo agora sentimos uma certa estranheza por vermos o Autor a tratar um tema que, pelo menos à primeira vista, se afasta claramente da sua área de especialização. Ao mesmo tempo, porém, tomando-se conhecimento das obras por ele consultadas nos seus estudos de fonética, fica-se com a quase

---

<sup>50</sup> *Auto da Natividade*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923. Teve uma 2.<sup>a</sup> edição em 1942: Porto, Liv. Educação Nacional.

<sup>51</sup> *Horas de Fuga*, p. 12.

<sup>52</sup> *The killing of Julius Caesar in Shakespeare's tragedy*, in «Estudos de Literatura e Linguística», pp. 73-87.

<sup>53</sup> *O Primeiro de Janeiro*, 7-8-58, p. 5.

<sup>54</sup> CIDADE, *ob. cit.*, p. 242.

<sup>55</sup> Vol. IV, fase. II, 1929.

certeza de que a sua entrada no campo das runas se deveu precisamente a essas leituras. E, é claro, o seu espírito sempre curioso e a sua paixão pelo estudo podem também justificar esta aparente anomalia vocacional.

Antes disso, em 1926, tinha dado a lume um artigo em que abordava *Aspectos cooperativos da educação nos Estados Unidos da América*<sup>56</sup>, e em 1927, também em *A Águia, Novos documentos sobre as «Lettres Portugaises»*. Neste último dá-nos notícia de alguns novos documentos que o professor americano F. C. Green encontrou em Paris e publicou na *Modern Language Review* de Abril de 1926 e com base nos quais procurava demonstrar que as cartas atribuídas a Soror Mariana Alcoforado não são mais do que invenção de outros. Cardim, reconhecendo embora que o «assunto pertence aos romancistas»<sup>57</sup>, faz mais uma eloquente demonstração das suas vastas e variadas leituras e dos seus multifacetados interesses, acabando por demonstrar que as teses do Professor Green carecem de solidez, nomeadamente sob o ponto de vista histórico, em que revelam clara fragilidade<sup>58</sup>.

Ainda durante o período em que a Faculdade de Letras estava a funcionar, e em consequência da sua preparação para as aulas de linguística germânica, publicou na revista *Diónyssus*<sup>59</sup> um artigo sobre *O estudo das línguas; sua evolução histórica*. Nele aborda questões que vão desde o nascimento das línguas até ao nascimento da linguística geral, passando por considerações, ainda cheias de actualidade, sobre as diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita, sublinhando o carácter sempre imperfeito desta como forma de representação gráfica daquela. Termina com a indicação da bibliografia que poderá ser consultada para mais alargado estudo do tema e que nos proporciona uma ideia sobre até que ponto Luiz Cardim estava actualizado. Estava-o de facto.

Uma outra prova da facilidade com que o nosso Autor se deixava atrair por assuntos alheios à sua especialidade é o artigo *Sobre o título II do nobiliário do Conde de Barcelos*<sup>60</sup>. Apesar de se queixar da falta de material essencial, existente apenas nas grandes bibliotecas da França e da Inglaterra, Cardim apresenta-nos um complexo emaranhado de citações, a comparação de textos antigos, numerosas notas para contestar a posição do professor britânico

---

<sup>56</sup> In *A Águia*, n.º 37 a 48 (3.ª Série), 1926. Também em separata da Emp. Ind. Gráfica do Porto, Lda.

<sup>57</sup> *Novos documentos sobre as «Lettres Portugaises»*, in *Estudos de Literatura e Linguística*, p. 47.

<sup>58</sup> Uma versão francesa deste artigo foi publicada mais tarde, em 1931, no «Bulletin des Études Portugaises», 1(3), sob o título *Les «Lettres Portugaises»: à propos de quelques nouveaux documents*. Há uma edição em separata publicada pela Universidade de Coimbra.

<sup>59</sup> Em 1936, Cardim volta ao tema em «O Diabo», publicando um artigo com o título *Em volta das «Lettres Portugaises»: cartas de Soror Mariana*. Também publicado em separata. Lisboa: A Libertadora.

<sup>60</sup> Inicialmente publicado em «A Águia», 3.ª Série, n.ºs 11 e 12. Mais tarde incluído em *Estudos de Literatura e Linguística*, pp. 91-110, aqui acrescentado de uma longa nota complementar a propósito de um livro entretanto publicado por Entwistle, em que este altera a sua tese. O título do artigo é também ligeiramente modificado: *Sobre o título II do nobiliário do Conde D. Pedro*.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

William Entwistle sobre as fontes que terão servido de base ao livro de linhagens de D. Pedro, Conde de Barcelos, particularmente no respeitante à genealogia dos reis bretões da Inglaterra. De notar é a forma como Cardim reagiu ao título do artigo de Entwistle que era *Geoffrey of Monmouth and Spanish literature*<sup>61</sup>. Eis as palavras de Luiz Cardim:

«Protestamos contra o título. É mau sestro dos escritores estrangeiros incluírem sob o rótulo «Espanha» apreciações acerca de coisas nossas; trata-se, bem sabemos, de uma designação geográfica aplicada à península, mas «Espanha» é também e principalmente o nome de uma unidade política — a que não pertencemos historicamente. Muito gostaria de ver sempre desdobrada a designação em «Espanha e Portugal»<sup>62</sup>.

Em 1929, numa edição da Faculdade de Letras do Porto, Luiz Cardim publicou um volume de *Estudos de Literatura e Linguística*, em que reúne sete dos seus artigos anteriormente publicados dispersamente, a maior parte deles agora acrescidos de 'notas complementares', que provam, por um lado, a continuação do interesse do Autor nos assuntos anteriormente versados e, por outro lado, a extrema seriedade de que usava nas suas publicações. Como inédito, aparece apenas um oitavo artigo, *The killing of Julius Caesar in Shakespeare's tragedy*, a que já me referi acima e que Cardim destinava à *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* «quando sobreveio a sua suspensão por falta de verba»<sup>63</sup>.

Para além das notas complementares referidas há a registar algumas alterações, nomeadamente as que ocorrem nos títulos de alguns artigos como o daquele que tinha sido publicado em 1922 sobre as gramáticas antigas e que agora sai com a designação de *Portuguese-English grammarians and the history of English sounds*.

Aproxima-se do seu fim a 1.<sup>a</sup> fase da Faculdade de Letras do Porto, num processo que se tinha iniciado, em 14 de Abril de 1928, com a publicação do decreto n.º 15 365, que decidia sobre o encerramento<sup>64</sup>. Apesar disso, Luiz Cardim continuava empenhado na investigação e na publicação das suas conclusões. Na sessão n.º 132 do Conselho Escolar, que teve lugar em 27 de Janeiro de 1931, Cardim é autorizado e subsidiado para se deslocar a Lisboa a fim de aí estudar gramáticas anglo-castelhanas e castelhano-ânglicas<sup>65</sup>. O resultado

---

<sup>61</sup> O artigo foi publicado na *Modern Language Review* de Outubro de 1922, pp. 381-391.

<sup>62</sup> *Estudos de Literatura e Linguística*, p. 94, nota n.º 1.

<sup>63</sup> *Ob. cit.*, p. 73, nota n.º 1.

<sup>64</sup> Era o seguinte o texto do decreto n.º 15 365:

«Usando da faculdade que me confere o n.º 2 do decreto n.º 12 740, de 26 de Novembro de 1926, sob proposta dos Ministros de todas as Repartições: Hei por bem decretar, para valer como lei, o seguinte\*

Artigo 1.º — São extintas as Faculdades de Direito da Universidade de Lisboa, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Faculdade de Farmácia e a Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra». (Cf. PINA, *ob. cit.*, p. 71).

<sup>65</sup> Cf. PINA, *ob. cit.*, p. 132.

é um novo artigo com o título *Gramáticas anglo-castelhanas e castelhano-ânglicas*, que saiu na revista *O Instituto*<sup>66</sup>, e no qual o Autor faz um trabalho semelhante ao que tinha publicado em 1922 sobre as gramáticas anglo-portuguesas e luso-ânglicas.

Ainda nesse ano de 1931 dá à estampa *Shakespeare e o Drama Inglês*, numa edição da própria Faculdade de Letras. É um volume de 175 páginas em que nos é apresentada uma visão diacrónica do teatro britânico, começando, de uma maneira notavelmente clara e sintética, pelo drama medieval e sua evolução e continuando com o teatro isabelino que foi precursor e contemporâneo de Shakespeare. Aborda, de seguida, os aspectos conhecidos e a polémica que ao longo dos séculos tem rodeado a biografia do génio de Stratford-upon-Avon. Depois é oferecida ao leitor uma enumeração breve e linear das suas obras, terminando com um balanço daquilo que a crítica tinha, até ao momento, produzido em consagração (e em desabono) de Shakespeare. O volume encerra com uma longa bibliografia sobre os assuntos abordados no corpo da obra, ressaltando aqui o carácter metódico com que Cardim procedeu à arrumação dos títulos por cada um dos aspectos tratados.

Não se pode dizer que *Shakespeare e o Drama Inglês* seja uma obra inovadora com matéria inédita para os estudiosos de Shakespeare. Ela é essencialmente um manual académico com o propósito de dar a conhecer aos estudantes de literatura inglesa, num estilo sintético e acessível — embora criteriosamente fundamentado — as várias facetas de uma temática extraordinariamente rica e variada.

A sessão n.º 138 do Conselho Escolar da Faculdade de Letras do Porto teve lugar no dia 30 de Julho de 1931. Da acta respectiva constam agradecimentos a todas as entidades que se interessaram pela restauração da escola e, a fechar, consta o seguinte:

«Examinadas pelo Conselho as contas e respectiva documentação, foram as mesmas aprovadas por unanimidade.

«Foi por mim redigida, lida e aprovada a presente acta, que eu, José Teixeira Rego, servindo de secretário, escrevi»<sup>67</sup>.

Seguem-se duas assinaturas: a de Teixeira Rego e a de Luiz Cardim, que, havia mais de um ano, vinha exercendo as funções de director.

### 3. Depois da Faculdade de Letras

Após o encerramento da Faculdade, Luiz Cardim permaneceu no Porto e não voltou ao ensino. Arranjou um pequeno emprego<sup>68</sup> como secretário-geral da Liga de Profilaxia Social, onde se manteve durante cerca de trinta anos<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> Vol. 81.º, n.º 2.

<sup>67</sup> PINA, *ob. cit.*, p. 133.

<sup>68</sup> Informação pessoal do Doutor António Salgado Júnior, amigo de Luiz Cardim, aluno da antiga Faculdade e um dos muito poucos que nela obtiveram o grau de Doutor.

<sup>69</sup> Cf. *O Primeiro de Janeiro* de 7/8/1958, p. 5.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

e onde grangeou admiração e estima por parte daqueles que acorriam aos serviços daquela instituição beneficente. Nessa posição era por muitos tomado como médico, o que o levou a desfazer tal engano, dizendo-se «apenas um pobre professor — sempre ficamos «marcados» na nossa origem de «escravos» — e um pobre escriba, cronicamente impecunioso, também»<sup>70</sup>. Esta referência à fragilidade económica, aqui feita com ironia, espelha, com certeza, a magreza do ordenado que recebia pelas suas funções na Liga e as dificuldades que sentiu nos anos que se seguiram. De facto há escritos dessa época em que transparece essa circunstância e nem sempre há a ironia para atenuar a impressão amarga causada no leitor. Alguns dos poemas que foi publicando são eivados de pessimismo, de resignação e, por vezes, de desespero.

Apesar disso, o «escriba» mantinha-se impressionantemente activo e a publicar coisas que, pelo seu conteúdo selecto, não eram do género de o aliviarem das suas dificuldades materiais através de vendas compensadoras. Em 1932 surge o artigo *Semblantes de Fausto — Goethe*<sup>71</sup>. Em 1936 publica na *Seara Nova* uma série de sete fantasias dialogadas distribuídas por vários números da revista<sup>72</sup> e que seriam logo a seguir reunidos em separata com um título ligeiramente alterado em relação ao original: *Aquele Homem: Sete Diálogos*. A série abre com um poema que, em minha opinião, é dos mais interessantes que Cardim escreveu:

Sobre as ruínas do universo quis  
erguer o Palácio Perfeito; com o  
fogo da ansiedade quis atear um  
fogo eterno; com a magia de mil  
palavras sonhei prender o próprio  
Deus...

E decorreram milénios,  
e o meu Palácio — deserto —  
e o meu bem — sempre silente...

E nas solidões glaciais,  
só a Esperança, humilde e pura,  
nunca deixou de florescer:  
tão viva — e tão absurda — como a própria vida  
— mas muito, muito mais querida!

Seguem-se os diálogos, de tom religioso e filosófico. O primeiro trava-se com «Uma Voz», que é o próprio Deus; o segundo com «O Outro», este representando o demónio, o Espírito do Mal, que abusou da liberdade que Deus lhe tinha concedido; o terceiro é com o «Roberto», significando o indivíduo permanentemente enganado ou a enganar os outros; o quarto diálogo é com

---

<sup>70</sup> Citação colhida em *ibidem*.

<sup>71</sup> Edições «Presença».

<sup>72</sup> O título completo é *Aquele Homem... (sete fantasias dialogadas)*.

«O Louco»; o quinto com «O Guia» dum museu alegórico onde estão expostas figuras históricas tais como Sócrates, Jesus, S. Francisco, D. Quixote, etc, os feitos dos quais são explicados ao Homem pelo Guia; o sexto diálogo é com «O Duplo», a representação do próprio Homem; o sétimo diálogo trava-se com «O Tempo», um velho de barbas brancas.

Esta predilecção pelos temas filosóficos está patente num texto que, no mesmo ano, publica, também na «Seara Nova», sobre a vida, a alma e Deus<sup>73</sup>.

Em 1938 sai na revista *Ocidente*<sup>74</sup> um artigo seu sobre arte: *Arte: um «raid» romântico*. No mesmo ano vai dar continuidade, e com mais frequência do que nunca antes, aos seus trabalhos de tradução. Publica *A uma cotovia*, de Wordsworth<sup>75</sup>. No ano seguinte faz uma conferência no Club Fenianos Portuenses, onde faz a apresentação de algumas traduções suas da literatura inglesa. O resultado foi a publicação de *Através da poesia inglesa: apresentação dalgumas traduções*<sup>76</sup>. Ainda em 1939 publica as traduções de *A minha última duquesa*, de Robert Browning, e *Hino à beleza intelectual*, de Shelley, bem como um poema da sua própria autoria sobre o fim de Fausto. Pela mesma altura Cardim aparece como tradutor de vários artigos que Charles David Ley faz publicar na *Seara Nova* durante 1939-40<sup>80</sup>.

Em 1940 Luiz Cardim publica «Projecção de Camões nas Letras Inglesas»<sup>81</sup> sobre a recepção do nosso épico na Grã-Bretanha, e dois poemas, *Encéfalo lutando e À memória de Walt Whitman*<sup>82</sup>, reunidos sob o título comum de *Atitudes*<sup>83</sup>. Ainda no decurso de 1939 faz a apresentação aos leitores da *Seara Nova* daquela que haveria de ser uma obra de referência obrigatória: *A «Menina e Moça» e o Romance Sentimental do Renascimento* de António Salgado Júnior<sup>84</sup>. Pouco antes tinha feito idêntica apresentação do 2.º volume de *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa* de Hernâni Cidade<sup>85</sup>.

*Reflexões contra o pessimismo* é o título de um artigo de cunho filosófico publicado em 1941<sup>86</sup>, continuando a publicação de traduções: *A leviana*, de Robert Browning<sup>87</sup>, *Messa alheia*, de Goethe e uma «versão muito livre» de um poema de Isabel [sic] Browning<sup>88</sup>.

---

<sup>73</sup> *Seara Nova*, ano XVI, n.º pp. 101-102.

<sup>74</sup> *O Ocidente*, vol. VIII, n.º 8, pp. 209-219.

<sup>75</sup> *Seara Nova*, ano XVIII, n.º 580, p. 363.

<sup>76</sup> Edição da Biblioteca do Club Fenianos Portuenses.

<sup>77</sup> *Seara Nova*, ano XVIII, n.º 622, p. 69.

<sup>78</sup> *Ob. cit.*, n.º 616, p. 308.

<sup>79</sup> *Desilusão de Fausto*, in «Seara Nova», n.º 598, p. 328.

<sup>80</sup> Não é meu objectivo tratar deste assunto aqui e agora, mas alguns dos artigos de Ley têm bastante interesse para os estudos anglo-portugueses, e.g. *Itinerário do Porto a Portalegre; A Inglaterra e os escritores portugueses; Introdução aos poemas de F. Pessoa*.

<sup>81</sup> Lisboa, Editorial Inquérito.

<sup>82</sup> Este poema é dedicado a Alberto de Serpa.

<sup>83</sup> *Seara Nova*, ano XIX, n.º 695, p. 300.

<sup>84</sup> *Ob. cit.*, 690, pp. 223-4.

<sup>85</sup> *Ob. cit.*, n.º 685, p. 176.

<sup>86</sup> *Seara Nova*, ano XIX, n.º 732, p. 247.

<sup>87</sup> *Seara Nova*, ano XIX, n.º 732, p. 247.

<sup>88</sup> *Ob. cit.*, n.º 718, p. 27.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

O regresso ao tema favorito verifica-se em 1942 com a publicação na *Seara Nova*<sup>89</sup> de *A vida de Shakespeare (factos, lendas e problemas)*, saída logo a seguir em volume próprio. No capítulo 6, Cardim debruça-se sobre o chamado «mistério shakesperiano», relacionado com a dúvida sobre o verdadeiro autor da obra, e fornece-nos uma relação dos principais «pretendentes ao trono poético-dramático», incluindo a «*candidatura feminina*: a da condessa de Pembroke, irmã de Sir Philip Sidney»<sup>90</sup>. A posição pessoal de Cardim encontra-se na passagem seguinte:

«Em resumo e para concluir: a teoria mais simples e mais defensável sobre a autoria das famosas peças [...] é ainda, sem dúvida alguma, a de que... Shakespeare é Shakespeare»<sup>91</sup>.

Este trabalho de Luiz Cardim mereceu críticas muito favoráveis, entre outros de Adolfo Oliveira Cabral<sup>92</sup>, em *Afinidades*<sup>93</sup>, uma revista de cultura luso-francesa, publicada em Lisboa, de Adolfo Casais Monteiro, que, a certo passo, declara:

«Delimitando exactamente o que se sabe ao certo, o que é provável, e o apenas presumível, Luiz Cardim dá-nos uma rara impressão de segurança, e julgo difícil excedê-lo, tão clara e lucidamente ele nos conduz por entre a selva intrincada dos factos e das hipóteses»<sup>94</sup>.

De tom igualmente abonatório é a recensão feita por Almeida Lucas na revista *Portucale*<sup>95</sup>.

Tudo isto demonstra como o homem que tinha sido forçado a abandonar a docência universitária havia mais de uma década continuava apaixonado pelas matérias que aí ensinara, mergulhando constantemente, e cada vez mais fundo, nos meandros da investigação académica. É assim que continua o seu interesse por Shakespeare com um estudo intitulado *Não teve Shakespeare em vida um só pintor que o retratasse*<sup>96</sup>, onde tece interessantes e reveladoras considerações sobre os retratos conhecidos do dramaturgo, acabando por concluir pela quase nula probabilidade de ter sido retratado em vida.

Também em 1943<sup>97</sup>, inicia Cardim a sua colaboração, sob a forma de recensões críticas, numa rubrica de *Seara Nova* intitulada *Livros ingleses*, uma

---

<sup>89</sup> Ano XXI, n.ºs 756 (pp. 307-8); 759 (pp. 35-37); 764 (pp. 115-117); 769 (pp. 195-9); 774 (pp. 286-289); 779 (pp. 39-43); 786 (pp. 151-155); 799 (pp. 39-43); 807 (pp. 171-173).

<sup>90</sup> P. 69 da edição em volume.

<sup>91</sup> *Ob. cit.*, p. 85.

<sup>92</sup> In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, tomo X, 2.ª série, n.ºs 1 e 2, pp. 340-1.

<sup>93</sup> É o n.º 5, de 1942.

<sup>94</sup> In *Diário Popular*, de 14/10/43.

<sup>95</sup> De Novembro de 1943.

<sup>96</sup> In *Seara Nova*, ano XXII, n.º 816, pp. 311-312.

<sup>97</sup> *Ibidem*, ano XXIII, n.º 848, pp. 185-6. A primeira dessas recensões é intitulada *Cinco obras inglesas à procura de um cri tido...*, uma paráfrase clara do título de Pirandello.

actividade que se há-de prolongar até 1952. Nessa secção analisa, em especial, as obras que eram oferecidas à revista pela representação do British Council em Lisboa. Foram inúmeros os títulos estudados por Luiz Cardim, o que revela a sua extraordinária capacidade de leitura. Pelo meio, ia fazendo traduções: *Os três pescadores*, de Charles Kingsley<sup>98</sup>, *O viajante Kinsey chega ao Porto*, uma passagem do livro de William Morgan Kinsey *Portugal Illustrated*<sup>99</sup>, *História da Literatura Inglesa*, de Ifor Evans (em colaboração com Cabral do Nascimento)<sup>101</sup>, *A canção da estrada*, de Walt Whitman<sup>102</sup>, *Mr. Kinsey visita a Feitoria Inglesa* (outra passagem da obra atrás referida)<sup>103</sup>, o célebre monólogo de Hamlet *Ser, ou não ser*<sup>104</sup>, *Cartas de D. Manuel II a Edgar Prestage (1926-1932)*, numa publicação da Fundação da Casa de Bragança, em 1952, etc.

Paralelamente continua a produzir poemas, notas de investigação e resenhas de publicações portuguesas. Em 1944: *O triste fado: um tríptico*, três poemas pessimistas em louvor da tuberculose «negra caridade — eu te bendigo!» «Só é pena que sejas, para tantos, tão dolorosa e lenta!»<sup>105</sup>; *A História Trágica do Doutor Fausto*, uma resenha da obra de A. Oliveira Cabral<sup>106</sup>; um outro poema, *Treva e sonho*, com seis quadras não rimadas sobre a alma inquieta do poeta<sup>107</sup>; *A Vida e Poesia de Hoelderlin*, uma resenha muito favorável da obra do Prof. Paulo Quintela<sup>109</sup>; *É o Hamlet representável?*, uma série de artigos motivada pelo filme de Sir Lawrence Olivier<sup>110</sup>; *Os problemas do «Hamlet» e as suas dificuldades cénicas*<sup>111</sup>; nova resenha de uma obra do Prof. Paulo Quintela, *Poemas de Goethe*<sup>112</sup>; *Milton e a poesia inglesa*, outro artigo com matéria de investigação em literatura inglesa<sup>113</sup>.

Milton era mais uma das figuras da literatura de expressão inglesa que seduzia Cardim, ao ponto de ter planeado a tradução do *Paraíso Perdido*, o que, conjuntamente com o plano de tradução do *Hamlet*, «Não puderam ultrapassar, infelizmente, a fase de puras veleidades», conforme ele próprio nos confessa<sup>114</sup>.

Em 1950 e 1952 apresenta, respectivamente, *Camões, o Épico e Camões, o Lírico* de Hernâni Cidade<sup>115</sup>.

<sup>98</sup> *Seara Nova*, n.º 859, 1944, p. 43.

<sup>99</sup> In *O Tripeiro*, de Outubro de 1945.

<sup>100</sup> Publicado em Londres, em 1928 (2.ª edição em 1929).

<sup>101</sup> Em 1946.

<sup>102</sup> Edição da *Seara Nova*, em 1947.

<sup>103</sup> In *O Tripeiro*, de Fevereiro de 1947, pp. 230-231.

<sup>104</sup> *Seara Nova*, ano XXVIII, n.º 1119, p. 265.

<sup>105</sup> *Ob. cit.*, n.º 885, p. 213.

<sup>106</sup> *Ob. cit.*, n.º 894, p. 84.

<sup>107</sup> *Ob. cit.*, n.º 903, p. 233.

<sup>108</sup> *Ob. cit.*, ano XXVIII, n.º 1106, 1942, p. 109.

<sup>109</sup> *Ob. cit.*, n.º 1000-7 (número comemorativo do 25.º aniversário da revista), p. 145.

<sup>110</sup> *Ob. cit.*, n.º 1110, pp. 149-151; n.º 1111, pp. 168-170; n.º 1112, pp. 179-181; n.º 1113, pp. 189-191; n.º 1114, pp. 200-202.

<sup>111</sup> Cadernos da *Seara Nova*, 1949.

<sup>112</sup> *Seara Nova*, n.º 1166-67, 1950, pp. 145-6.

<sup>113</sup> *Ibidem*, n.º 1162-63, pp. 113-116 e n.º 1168-69, pp. 168-172.

<sup>114</sup> In *Horas de Fuga*, p. 12.

<sup>115</sup> Nos n.º 1174-75 (pp. 209-211) e 1256-57 (pp. 97-98) da *Seara Nova*.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

As traduções dispersas que tinha publicado e que tinha começado a fazer «aí por volta de 1915<sup>116</sup> são reunidas no volume *Horas de Fuga*, de que constam versões de poesias inglesas e doutras línguas, incluindo o espanhol, o francês, o alemão e o italiano. Quem se der ao cuidado de comparar as traduções agora apresentadas com as suas versões anteriores depressa se convencerá da seriedade de Cardim como tradutor. E isso porque cada nova versão apresenta frequentes alterações em relação à versão que a precedeu, numa incansável procura da melhor forma.

As duas últimas publicações que me foi possível localizar vieram a lume em 1953 e 1954. Uma é uma apreciação de *Vila Viçosa: trabalhos fotográficos de Marques Abreu e do Arq.<sup>10</sup> J. Marques Abreu Júnior<sup>117</sup>*. A segunda parte do volume é preenchida por uma versão integral em francês da autoria do próprio Luiz Cardim. A outra publicação é uma tradução de *Chicago*, uma produção do poeta americano Cari Sandburg<sup>118</sup>.

Daí em diante, ao folhear as revistas em que Cardim costumava colaborar, na continuação de um trabalho a que me tinha habituado, encontrando, ao voltar de mais uma página, com surpreendente frequência, qualquer produto do seu incansável labor intelectual, comecei a sentir a estranha ausência do velho professor. Entre 1954 e 1958, o seu nome não surgiu nas páginas da *Seara Nova*, a secção *Livros ingleses* continuava, mas, a princípio, sem assinatura, mais tarde com um nome diferente. Finalmente, nos n.ºs 1352-3 da referida revista (de Agosto-Setembro de 1958), deparei com o nome de Cardim impresso a negro carregado:

«Pfof. Luiz Cardim

«Quando já se encontrava em avançada fase de organização este número da «Seara Nova», chega-nos a notícia da morte de um querido Amigo e ilustre companheiro: Luiz Cardim.

«Na impossibilidade de, para já, prestarmos, como desejamos, condigna homenagem à sua memória, damos a palavra a Hernâni Cidade, que foi seu companheiro na extinta Faculdade de Letras da Universidade do Porto:

«Luiz Cardim merece mais do que a simples notícia cronológica. Foi escritor e poeta; foi mestre. «Mestre», que é superlativo de «professor». Quero dizer que se não contentava de, em troca de remuneração do Estado, exercer a profissão de transmitir a ciência para tal efeito aprendida; praticava, em gratíssima satisfação aos imperativos da vocação, o acto abnegado de criar, para generosamente a comunicar, ainda quente do entusiasmo da conquista e comovida do prazer da dádiva»».

Foi esse entusiasmo pela colheita de conhecimentos os mais variados e a ansiedade de os transmitir o que mais me impressionou nestes meses de

---

<sup>116</sup> *Horas de Fuga*, Porto, 1952, p. 11.

<sup>117</sup> Edição Marques Abreu, Porto (é o n.º 17 da série «A Arte em Portugal»).

<sup>118</sup> *Seara Nova*, ano XXXIII, n.º 1293-94, p. 88.

convívio com a obra e a personalidade do Dr. Luiz Cardim. Disso procurei dar conta sumária nestas páginas. Numa altura em que se comemora o 25.º aniversário da nova Faculdade de Letras, tome-se este despretensioso estudo como uma homenagem ao homem que, entre 1919 e 1931 carregou a maior quota de responsabilidade na secção de Filologia Germânica. Um aspecto da sua figura que não foi tratada neste artigo e que poderá ter algum interesse é a faceta de cidadão político. A sua integração num grupo retintamente republicano e a sua colaboração em algumas revistas que se colocavam geralmente em posição crítica relativamente ao Estado Novo, levam-me a crer que outro estudo se justifique sobre a interessante figura de Luiz Cardim. Os seus escritos no *Notícias de Setúbal*, no *Notícias de Santarém* (foi de ambos director), na *Capital* em *A Luta* e no *Correio da Estremadura*<sup>119</sup>, que não cheguei a estudar, devem ter muito para nos dizer.

Março de 1987

M. Gomes da Torre

---

<sup>119</sup> Cf. *O Primeiro de Janeiro*, de 7/8/958.